REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 463

1 DE NOVEMBRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

SEGUNDO ANNIVERSARIO DA MORTE D'EL-REI D. LUIZ I

D. NETTO

SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ I

(Segundo uma photographia de A. Bobone)

D. LUIZ I

Passaram nos dias 19 e 26 de Outubro, dois anniversarios luctuosos para a nação portugueza. O primeiro d'esses anniversarios, foi o da morte de El-Rei D. Luiz I, o segundo o do seu funeral. Um e outro são de boa memoria para Portugal, pela perda de um rei querido que presidiu a todo o moderno desenvolvimento d'este paiz, e pelas provas de sympathia que recebemos das potencias que se fizeram representar por seus ministros e enviados extraordinarios, em que se contaram principes, nos funeraes do rei portuguez.

Não esqueçamos, pois, estes dias memoraveis e para isso o OCCIDENTE commemora hoje o anniversario da morte do illustrado e bondoso rei, publicando o seu retrato e acompanhando-o com o elogio, que foi lido em sessão real dos Albergues Nocturnos, e devido á pena do illustre academico o sr. Conde de Valenças, de quem muito obsequiosamente o podemos obter.

Julgamos prestar um serviço a quem nos ler, pois mais uma vez ficarão comprehendendo, qual foi o valor pessoal do homem superior, que presidiu aos destinos da nação, e até que ponto seus meritos souberam attrahir sympathias e dedicações, que ainda as vêmos a revelarem se em escriptos, qual o que hoje editamos.

D. Luiz I foi dentre os varões illustres do seu tempo um dos mais celebrados. Filho da rainha D. Maria II, educado por sua mãe, do regaço materno trouxe o sentimento da justiça, o senso pratico e o modo de pensar accentuadamente portuguez. De seu pae, el-rei D. Fernando, lhe vieram as qualidades artisticas e o genio polyglotta. Pensando nós assim, por certo que sómos contrarios á theoria do sabio Weismann, de Baden, quando contesta a herança das virtudes e defeitos dos paes aos filhos; mas, se as qualidades materiaes dos progenitores se reflectem nos procreados, não repugna o admittir a hereditariedade das espirituaes, se além da influencia physica existe a moral, a da educação. O influxo da materia, o *germoplasma*, no dizer do illustre professor, é do instante; o da educação ás vezes chega a uma vida inteira. Além do quê, é verdade da observação aturada que os exemplos, sendo factos palpaveis, se gravam indeleveis na retentiva, com tanto que olhados na infancia. Ora os exemplos, que sempre rodearam a el-rei D. Luiz, foram constantes e bons.

No decreto de 9 de outubro de 1846, que nomeia guarda marinha ao illustre pae de Vossa Magestade, ahi declara a Sr.ª D. Maria II a vocação do infante para a vida do mar. E porque as mães raro se enganam das inclinações de seus filhos, logo vieram os actos do principe confirmar a asserção do mesmo decreto. Promovido a 2.º tenente em 19 de maio de 1851; a capitão tenente em 29 de outubro de 1854; a capitão de fragata em 24 de dezembro de 1858; a capitão de mar e guerra em 9 de março de 1859, eis que o vemos, a 12 de outubro de 1857, assumir o commando do brigue de guerra *Pedro Nunes* e em janeiro do anno subsequente, estação invernosa, governar aquelle barco, em cruzeiro, nas costas de Portugal. Então, dizem os entendidos, foi que principiou de revelar audaces qualidades de marinheiro, casando as obrigações do seu posto com a rigorosa disciplina, que, por ser o primeiro a mantel-a, lhe attrahiram a tripulação, sempre admirada e respeitosa.

Em 1858, commandava a corveta *Bartholomeu Dias*; e a cinco de outubro, n'aquelle elegante e tão veloz vaso de guerra, ia á Madeira, cujos portos visitou bem como os do archipelago dos Açores. No anno seguinte, o de 1859, fez não menos de tres viagens: — a 10 d'abril singrava em direitura á Inglaterra, onde demorou no exame e estudo de seus arsenaes, docas e estaleiros, (Southampton, Londres); a 14 de maio navegava com egual destino, conduzindo a bórdo a Sr.ª infanta D. Maria Anna, e o principe Jorge, seu esposo; a 14 de setembro fez a viagem de Marrocos.

Porque a propria actividade lhe negava o descanço, em agosto de 1860 vae Sua Alteza á costa occidental d'Africa, desembarcar praças de transporte, munições de guerra e os armamentos requisitados pelo governador geral da provincia d'Angola. N'esta derrota, sahindo de Lisboa no começo do mez, entrou em S. Vicente a 9, no ancoradouro da Villa da Praia a 13, até que foi lançar ferro, a 30, no porto de Loanda. Terminada a commissão de serviço, visto achar-se restabelecida a ordem e marcharem reunidos os contingentes para castigar os *sobas*, rebeldes ou hostis a nossas tropas em operação, saíu o illustre marinheiro d'aquelle porto no dia 14 de setembro, entrando a barra do Tejo a 15 de outubro.

Em 1861 tão apenas fica em terra durante mezes; — em abril (15) volta á Madeira, esperando ahi ás ordens da imperatriz d'Austria. No seu regresso (12 de maio) vindo de conserva com o vapor Victoria-Alberto, que trazia á Europa aquella soberana, estacionou em Cadiz e Gibraltar; em agosto (3) foi a Southampton, d'onde trouxe a Lisboa o principe Leopoldo de Hohenzollern, irmão da Sr.ª D. Estephania, e esposo da Sr.ª infanta D. Antonia; em começos de setembro (4) vae ao Porto a trazer o rei D. Pedro V, que ali fôra á exposição industrial; e finalmente no meado d'este mez, a 18, conduzia a Antuerpia, o principe Leopoldo e a Sr.ª D. Antonia, recem casados, indo tambem na sua companhia o infante D. João, duque de Beja.

Em Anvers desembarca o illustre navegante, e entrando em França, encontrava-se na côrte de Napoleão III, e nas festas de Compiègne celebradas em honra sua, quando no meio de um baile, de repente, lhe cahiu a nova da morte do infante D. Fernando, que succedêra a 6 de novembro de 1861. Tão luctuoso acontecimento sustou a festa, e obrigou o principe a regressar immediatamente a Portugal, embarcando em Southampton no vapor *Oneida*. Entrou no porto de Lisboa a 14 de novembro de manhã: e, porque a 11 houvesse tambem fallecido seu irmão primogenito, D. Pedro V, era já então rei, tendo apenas 23 annos de edade!

Senhor: — As viagens de seu illustre Pae, contadas tanto de carreira, são, mesmo assim, o bastante ao nosso proposito, pois ellas confirmando a decidida vocação do principe, lhe formaram a physionomia de que nos apparece em todos os actos da sua vida civil ou publica. Qner no commando do brigue *Pedro Nunes*, quer no da corveta *Bartholomeu Dias*, el-rei D. Luiz foi sempre um destemido official, respeitado e acclamado em todas as marinhas de outras nações. Se para muitos a profissão de mareante é improba fadiga; para o illustre principe era e sempre foi um prazer. Quando acontecia acompanhal-o algum parente no barco do seu commando, então aquelle prazer era completo. Não fugindo a tal responsabilidade, requeria-a como uma honra; duplicavam-se-lhe as faculdades, ia contente. Pelo quê, se era homem de justiça e senso pratico por sua mãe, artista e polyglotta por seu pae, era egualmente portuguez do melhor quilate, por ser marinheiro. Em el-rei D. Luiz se dava o atavismo de uma raça, que voou por de cima das aguas todas. D'aqui a explicação do seu caracter. O homem do mar é serio, porque o educam, não as paixões das cidades, antes as paixões dos elementos. Se acontece ao mareante accumular em si a experiencia das duas qualidades de paixões, n'esse caso reveste a suprema virtude do homem: — a tristeza dos fortes. E esta é creadora. A observação do mundo em seus interesses desencontrados dá o convencimento de que é necessidade constante a lucta, o trabalho indefesso, o debellar continuado das contrariedades, e de que, se o proceder de tal arte não conquista a victoria, pelo menos obriga ao respeito. El-rei D. Luiz nutria tal uma convicção; e isto explica a sua fadiga de serio trabalhador. Se quizeramos provas, teriamos de ir a seu reinado, e espantarmo-nos ante as innumeras reformas e serviços publicos, que elle acompanhou e de cuja maioria teve a iniciativa. Aqui os deixamos em nota, por não fatigar a attenção de Vossa Magestade e d'este illustre congresso.

E' certo que na presidencia das assembléas, á testa dos acontecimentos, nas grandes commoções nacionaes, sempre esteve no banco de quarto, isto é, no commando. E, coisa de admirar em homem que por seu destino teve a missão de governar homens, a vosso illustre Pae sobraram ainda horas aproveitadas para outros trabalhos, que lhe conquistaram o respeito e a admiração de seus conterraneos. El-rei D. Luiz era um escriptor. Correm impressas as suas traducções de Shakespeare; das quaes, pela estreiteza de tempo, tão apenas mencionaremos em particular o *Othelo* pois é de suas obras a principal, e que em vernaculidade portugueza, e fiel interpretação do texto, se recommenda de notavel aos academicos e sabedores. Não pense Vossa Magestade que em palaciano veem estas affirmações. Tal não ha e basta ver que jámais sahirá asserto da nossa observação, que o não confirmem os documentos. O rei fallecido era d'aquella estatura que dispensa os encomios lisongeiros.

Em tantos assumptos que a sua penna escolheu, em todos elles nos mostra, e bem de relevo, o cunho de portuguez, isto é, de marinheiro. Os dramas vividos ao pé do mar são os que lhe preoccupam o animo, o talento e attenção. D'elles, quando escreve, desapparece o rei, apparece o homem com a feição privativa e de notaveis faculdades. Othelo, Shylock, Hamlet, são personagens que o mar parece envolver de brumas, de incertezas e de tempestades. Se n'essas tragedias o salso elemento fica em segundo plano, elle, como o *fatum* da tragedia antiga, bem poderá vir a ser o principal protogonista: ameaça o que se vê com o que se não vê. Pelo quê, até escrevendo, tal é a preoccupação de vosso illustre Pae: — o mar. Foi-lhe encanto na juventude, lição na edade madura, pungente saudade quando morre, a ouvir-lhe o resfolgar rumorejante da sua eterna respiração. Se as navegações lhe deram a seriedade dos fortes, egualmente para lição completa ensinaram-lhe a bondade.

Quem norteia um barco pelas estrellas e vê a fragilidade do leve esquife onde navega; quem anda nas solidões das aguas e conhece o quanto a força do infinito é extranha, ingente, e vaga em seus risos que se chamam bonanças; em suas iras que se chamam tempestades; e de que modo o invisivel, que nos cerca, brinca leve e se despreoccupa da sciencia; e de como tantas auroras e tantos occasos, talvez ámanhã nos tragam, em seu rodar constante, noticias do perecimento do que era formoso e vital, — é quando lhe entra no espirito o grande pensamento do amor dos homens, e porque, sendo pequenos, merecem a protecção e a lenidade dos que a fortuna, o acaso, ou as virtudes proprias, ergueram acima de seus conterraneos. Sim, nosso digno presidente, o amor dos homens nasce e é infallivel nos que tiveram o amor do mar; porque elles, e só elles, viram de perto o infinitamente grande e o infinitamente pequeno: — Deus e o homem. El-rei D. Luiz ahi viveu os melhores dias da existencia: pelo que foi bom. Se muitos o accusaram d'essa bondade, é que esses sempre ignoraram que ella é uma força; e tanto assim, que os homens fizeram da infinita bondade um Deus: — Jesus Christo; e das bondades relativas os superiores da egreja: — os santos. A bondade é uma força; e, quando não fosse no rei D. Luiz uma virtude, deveria ser n'elle um calculo; porque, quanto mais alto está o homem, mais deve revestir qualidades, para que lhe desculpem a sua superioridade. A bondade não foi no chorado soberano um calculo; mas, por isso mesmo, mais devemos admiral-o e respeital-o, porque não raro o solio faz perder o carecter humano aos que topetam com as nuvens. Voltaire escrevia a Frederico da Prussia: — «Sobretudo, senhor, não se esqueça nunca de que é um homem.» Esta foi a politica do rei fallecido: — foi humano.

Sobreleva sua intelligencia, se a inflamma o desejo de bem fazer. Então seus actos impõem-se á admiração. Quando funda esta sociedade dos Albergues Nocturnos em 1881, a não quer tão apenas para asylo de pobres, mas para casa hospitaleira dos desvalidos da nação e forasteiros de todos os povos, sem differença de bandeira, raça, religião ou costumes. Quando a lei administrativa de 18 de julho de 1885 cria no municipio de Lisboa um congresso benificente, é o rei que toma a sua presidencia; e tão notavel discurso profere na sessão de 30 de novembro, que todos expontaneamente sentiram o que os generaes francezes disseram na ilha de Lobau a Napoleão I: — «Vós sois digno de nos commandardes a todos.» Quando preside na Academia Real das Sciencias ás suas sessões, cria um premio annual d'um conto de réis para o auctor portuguez da melhor obra litteraria ou scientifica, que se apresentasse a concurso. E jámais deixa passar um acto solemne, sem que profira a palavra propria, que n'esse momento traduz o sentir, o pensar ou o desejo da sociedade, assembléa ou academia, que o tem na presidencia. Tal succede, quando fala ao rei de Hespanha em Caceres, á esquadra italiana em Spezzia, ao *lord mayor* em Londres, aos delegados de todas as nações no Congresso postal universal celebrado em Lisboa. Por tantos motivos, o rei estava sempre na presidencia; não pela sua alta posição politica, antes pelas suas altas qualidades pessoaes. A sua missão era o bem; e ao serviço d'este mandato punha-lhe sempre a vasta erudição. Esta causava espanto. As novas armas, as novas fórmas de navios, as investigações historicas, a solução dos problemas sociologicos, diz P. Chagas, captivavam-n'o. Era sabedor de todas as linguas da Europa, e falava algumas em perfeição. Sirva de exemplo a italiana, da qual até conhecia os dialectos: — lombardo, veneziano e romano. Polyglotta, falou a cada um dos delegados ao congresso postal celebrado em Lisboa em 1885, no idioma da sua nação; isto é, falou o francez, o inglez, o hespanhol, o allemão, o hungaro, o polaco, o italiano, o russo, o suecco. Homem douto, eloquente, liberal, moderado, tudo devia ao trabalho, á meditação, ao estudo. Cercado dos ho-

mens mais instruidos e dissertos no dizer, no pensar, no escrever, elle era, entre todos, dos primeiros.

Como diz Tacito, falando de Agricola,—a moderação, acompanhando a firmeza. conquista o mesmo gráo de gloria, que outros obteem, procurando por golpes atrevidos morte brilhante, mas inutil ao estado. Essa gloria conquistou vosso illustre Pae. Na sua alta magistratura era sisudo, recto, por vezes indulgente. Sua auctoridade, despia-a apenas terminada a funcção publica; e logo era lhano, facil no trato, na conversa affavel. Egual para todos, a todos submettia pelo agrado, orgulhando de tal sorte aquelles que tinham a honra de o conhecer de perto

Tal foi este illustre marinheiro; e, porque o era, era portuguez de lei: d'ahi o seu genio cosmopolita. Se desenha, as principaes das suas aguarellas são *marinhas*; se escreve, o mar não lhe está longe; são sempre as desgraças dos povos as que lhe demovem o animo compassivo, o seu talento de artista, o de escriptor; por isso escreve e desenha no jornal *Paris Murcia*, a quando ás desgraças da Andaluzia; no jornal *Lisboa-Porto*, a quando ás desgraças do Baquet.

As suas obras de caridade teem egualmente um caracter expansivo e humano, que se não retrahe aos estreitos limites de uma cidade. Sirvam de exemplo os Albergues Nocturnos de Lisboa. E por isso elle está bem nos congressos, onde pela sua indole e erudição domina todas as vontades.

E' de tal importancia o seu nome, que a historia do seculo XIX ha de fazer gloriosa menção d'elle ao par, e muitas vezes acima das celebridades e illustrações do seu tempo. Tendo navegado com Sergio de Sousa, Seabra Preto, Domingos Rodrigues, Carlos Testa, Antonio de Sampaio e Pina (duque de Palmella), Ferreira de Mesquita, Folque Possolo, Teixeira de Carvalho, e governado com Joaquim Antonio de Aguiar, duque de Saldanha, duque de Loulé, duque de Avila, Fontes Pereira de Mello, Antonio Rodrigues Sampaio, José da Silva Mendes Leal, Rebello da Silva, Andrade Corvo, Anselmo Braamcamp, Saraiva de Carvalho, e tantos outros,—todos esses, vivos ou mortos, serão na historia as suas testemunhas de defeza. Por vezes foi malsinado e deprimido, pois nos embates da politica, como nos campos de batalha, todos se attribuem a victoria, e só um carrega com a responsabilidade da derrota. Mas que valor merece tal aggressão? Egualmente se aggridem hoje os homens do governo constitucional, só falando de suas paixões, gastos enormes, contradicções e interesses, Mas, Senhor, elles vão morrendo e teem morrido pobres; e a historia ha de fazer menção, e com o maximo louvor, das instituições, liberaes, formosas, uteis, que ficam, e em que todos andaram labutando, sendo o primeiro el-rei D. Luiz.

E assim julgamos ter demonstrado a nossa these: — Tal o homem, que se nos afigura com certas e determinadas aptidões antes de embarcar; passados annos da sua faina maritima, é outro e bem differente d'aquelle que nos conhecemos. Não sómente grangeou o accrescentamento de suas aptidões naturaes, senão que em lucta com os elementos. por sua firmeza no meio dos perigos, por suas horas de reflexão e cuidados, lhe advieram outras novas, que elle proprio em si desconhecia, e que todavia o engrandecem. Com el-rei D. Luiz assim succedeu. E agora é morto!

«Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descançou afinal seu coração.»

Resta-nos o exemplo de suas virtudes, a memoria do affecto com que sempre nos honrou, e a Vossa Magestade, seu filho, na presidencia d'esta associação. (¹)

Conde de Valenças.

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabou-se! O acontecimento *D. Branca* passou, esqueceu: as cartas de Gabrielesco e Alfredo Keil teem poucos dias de data, e já se não falla d'ellas. A' porta de S. Carlos, na abertura da epoca lyrica, havia *queue*; centenas de pessoas acotovellavam-se nos corredores. e no fim do segundo acto da *Aida* já ninguem fallava dos tumultos do Rio de Janeiro. A curiosidade publica que esperava um escandalosito, que, verdade seja, já de antemão reprovava, não pensou mais no incidente, para se dedicar a uma nova attracção: — apreciar os artistas. *Dilettanti* e criticos musicaes e dramaticos que teem o seu bello cabedal de conhecimentos ganhos com o suor do seu rosto nas batotas de Cascaes e do Gremio, cultivado nos *grandes e pequenos*, ou conquistado pelo dinheiro que guardam na burra, com a severidade que lhes dá toda esta sua illustração, discutiam de cadeira, paga por mil e quinhentos reis, o merito dos artistas, o seu valor como cantores, e os seus erros como actores. Ah! que não ha nada para fazer critica, como a irresponsabilidade do criterio, como o não ter de se dar satisfação porque se diz mal, ou porque se diz bem!

E que bello tom de familia, que se reune á noite pacatamente, o do theatro de S. Carlos! Na plateia, nos camarotes, os mesmos individuos, os mesmos rostos femininos, uns mais rosados pela vida que rebenta fortemente na transição da creança para a mulher, outros mais brancos pelo pó de arroz que salta leve da caixa para o rosto da mulher que transita dos trinta para os quarenta annos. Dos trinta para os quarenta annos .. não acham uma edade adoravel? Uns ligeiros fios brancos, aqui e além, a pratearem finamente os cabellos, uma certa melancholia que desce do cerebro ao olhar, um leve descahido dos cantos dos labios, um tom doce e quente nas faces, encantos que o coração desvendou e que, conhecendo-os, mais os sabe apreciar e dar na devida proporção, uma certa confiança no passado que as rejuvenesce, um certo temor pelo futuro que as previne... Dos trinta aos quarenta annos! a ballada da mulher, a começar e a terminar pelos mesmos versos! um espaço de dez annos que encerra toda a gamma do amor, todas as harmonias resultantes da propria graça e da sabedoria de usal-a.............

Que bello tom de familia, dizia eu, na plateia e nos camarotes! E mesmo na orchestra, o Mancinelli com o seu potente mando, com a sua vigorosa batuta, e mesmo no palco, com o Gabrielesco, com a Renée Vidal com o Durini, com o Moraes, já nossos conhecidos, não falando nos coros, nos instrumentos e no scenario. E a marcar o trabalho da Morte mais uma vaga a juntar-se á do Julio Machado e do duque de Albuquerque, a do visconde de Moreira de Rey.

E nem uma d'essas irriquietas borboletas da vida, que tanto adejam sobre os roseiraes como sobre os pantanos, se lembrou um momento de quem tanto gostava de apanhal-as para as ter presas um dia e deixal-as voar novamente pelo mundo; nem uma d'ellas se recordou um momento de quem tanto as amou em vida! E' que a raça das *Damas das Camelias* desappareceu, e elle não era positivamente um Armand Duval. Uma só palavra as entristece — hospital; um só impulso o levava — o prazer. E realmente a epoca não está para ideaes de amor.

E, áparte um ou outro descontente, a *Aida* agradou. Mancinelli teve as honras da noite e logo a seguir, Renée Vidal, e Gabrielesco a quem o publico, logo no primeiro acto, manifestou toda a sua sympathia, que elle não perdera com os boatos phantasticos espalhados em seu desabono, accusando-o de crime de attentado contra o instrumentado patriotismo, e que até conseguira avolumar com todo o genero de cartas que appareceu nos jornaes. O caso é que a epoca de S. Carlos, que se annunciava como uma tempestade, começou serena como um lago. *O tigre fez-se pomba, e a pomba adormeceu...*

A agua, que cahiu em torrentes n'essa noite, levou na enxurrada todos os maus humores, todos os *partis pris*, todos os furores que se occultavam nos tacões. E assim a agua, levando e lavando, deixou tudo um pouco mais limpo.

De resto, mais nenhuma novidade n'estes ultimos tempos, a não ser as eleições municipaes que tão depressa se approximam como se affastam, trazidas e levadas pelas ondas da politica, e um livro novo que appareceu, o que é sempre um acontecimento, tão poucos são elles—*A Belgica*. Mas o trabalho de apreciação da politica deixo eu para *João Verdades*, que na sua secção do Occidente tratará d'ella, e a critica do livro pertence n'estas columnas não a mim, que venho aqui de emprestimo fazer o dia d'um amigo e collega que a doença impediu de cumprir o seu dever, e mesmo porque *á tout seigneur tout honneur*. Assim eu abençóo haver sempre collegas n'um jornal—para a divisão do trabalho.

Mas um acontecimento se approxima e de bem alta importancia: a viagem da familia real a algumas cidades do norte do reino. O valor nacional e politico d'esta visita de Suas Magestades ninguem o desconhece n'esta epoca em que a alliança dos chefes dos estados com os seus povos só se realisa proveitosamente pela cooperação reciproca no desenvolvimento das riquezas proprias do paiz, pela communidade de ideias na grande obra do trabalho, geral preoccupação de todos os povos, e unica regeneração d'um povo que é pobre. Vae o Sr. D. Carlos inaugurar a exposição industrial do Porto, e assim mais uma vez mostra quanto o interessam os melhoramentos fabris do reino e a attenção que lhe merecem Estou certo que da viagem de el-rei á Covilhã nasceu a bella propaganda que se está fazendo das fabricas d'aquella cidade, propaganda que mais se avolumará quando o chefe do Estado se apresentar vestido, como tenciona, com aquellas fazendas nacionaes, no que será imitado pelos que o rodeiam, e estes por sua vez por aquelles que os imitam, tornando-se, em breve, geral o uso d'aquelles tecidos; e estou certo que da viagem agora ao Porto, com o fim principal de inaugurar a exposição, hão de vir beneficios largos e proveitosos para as nossas outras industrias. O monarcha deseja e procura conhecer todas as fontes de riqueza que Portugal possue e aquellas a que se pode dar incremento, e está firmemente disposto a dispensar-lhe a mais larga protecção, a concorrer quanto lhe seja possivel para que ellas progridam, a fim de que, depauperados como estamos, não se faça outra cousa no paiz, senão enriquecer os mercados estrangeiros, mandar-lhes para lá todo o ouro, exportando 1 e importando 1000, como até agora tem acontecido. Tratada convenientemente a questão dos vinhos, em que o ministerio dos negocios estrangeiros actualmente se empenha e do que se occupa com verdadeiro amor, protegida, como o deve ser, a industria nacional, e cortando-se profundamente, sem dó nem piedade, pelos grandes e enraizados desperdicios, como já alguma cousa importante se tem feito e muito mais se deve ainda fazer, estamos inteiramente convencidos de que Portugal conseguirá entrar n'uma epoca, não diremos proxima, mas tambem não a antevemos muito longiqua, de verdadeiro desafogo. A Associação Commercial do Porto, na mensagem que dirigiu, ha dias, ao sr. ministro das obras publicas, assim o apreciou n'uma exposição justa do estado das cousas e n'um louvor não menos justo ao sr. João Franco Castello Branco.

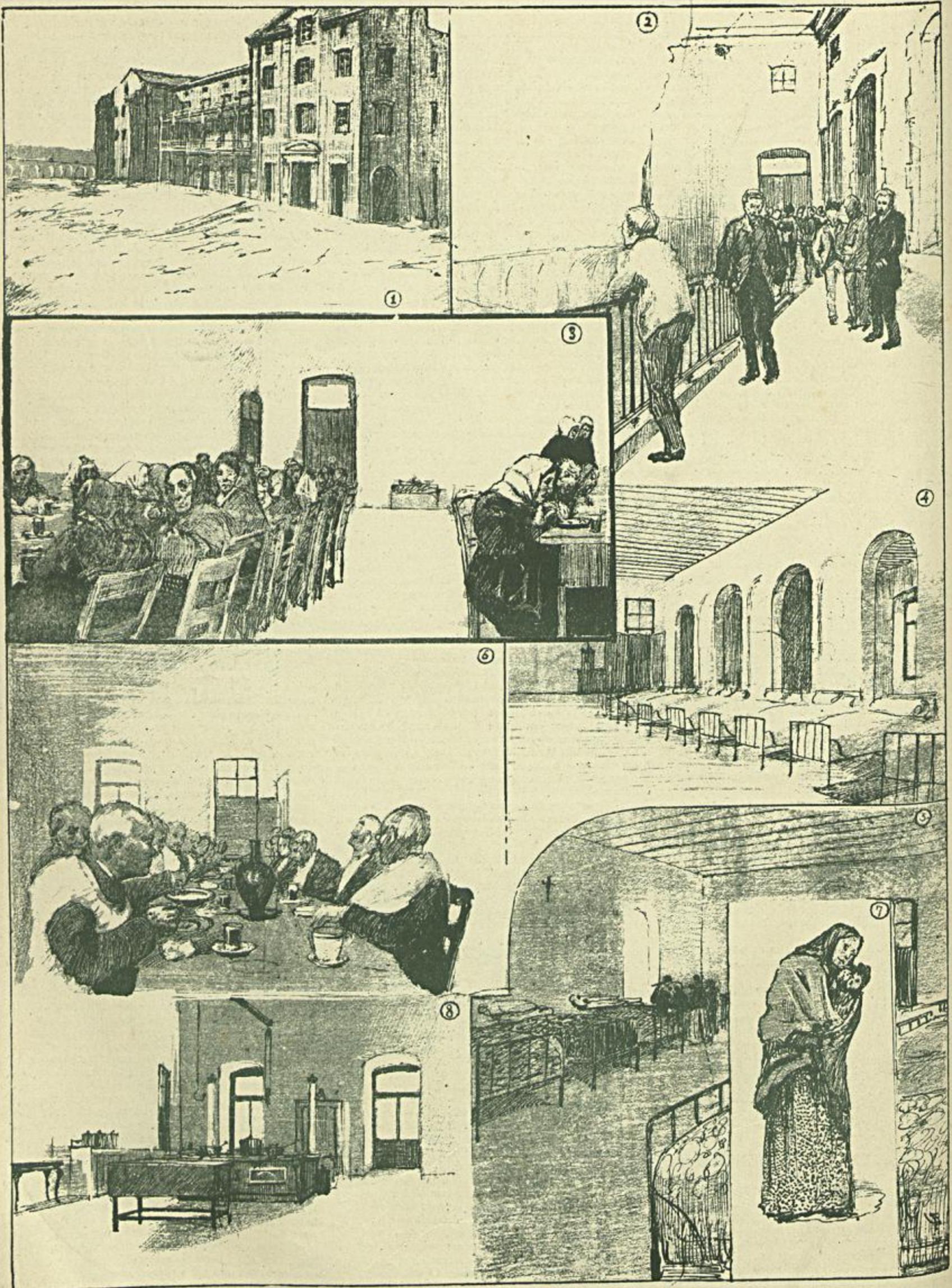
E' por isto que se apresenta sob um aspecto importantissimo a proxima viagem do Sr. D. Carlos ao norte do paiz, com o fim predominante de inaugurar a exposição industrial.

Outro ponto a notar, realmente interessante, é a marcha das economias. Do ministerio das obras publicas sahiu mais uma reforma: a dos serviços agricolas, com uma economia superior a 55 contos, e dentro em breve apparecerá a do ministerio dos negocios estrangeiros com uma reducção de 90 contos, que se torna muito apreciavel, lembrando-nos de que o orçamento d'aquelle ministerio é, com as despezas extraordinarias, de quatro centos e tantos contos. Desapparecem algumas legações e mais d'uma duzia de consulados, de forma que d'aqui a pouco passeará pelas ruas da cidade uma boa porção de diplomatas em disponibilidade, o que será conveniente espalhar pelas provincias, porque tanto diplomata á solta n'uma capital torna-se um perigo, e divididos pelas provincias irão *diplomatisando* os pacatos habitantes desde Freixo de Espada á Cinta até ao Cachoupo, propriedade agradavel e vastissima que o nosso prezado amigo o sr. Agostinho Lucio possue no Algarve.

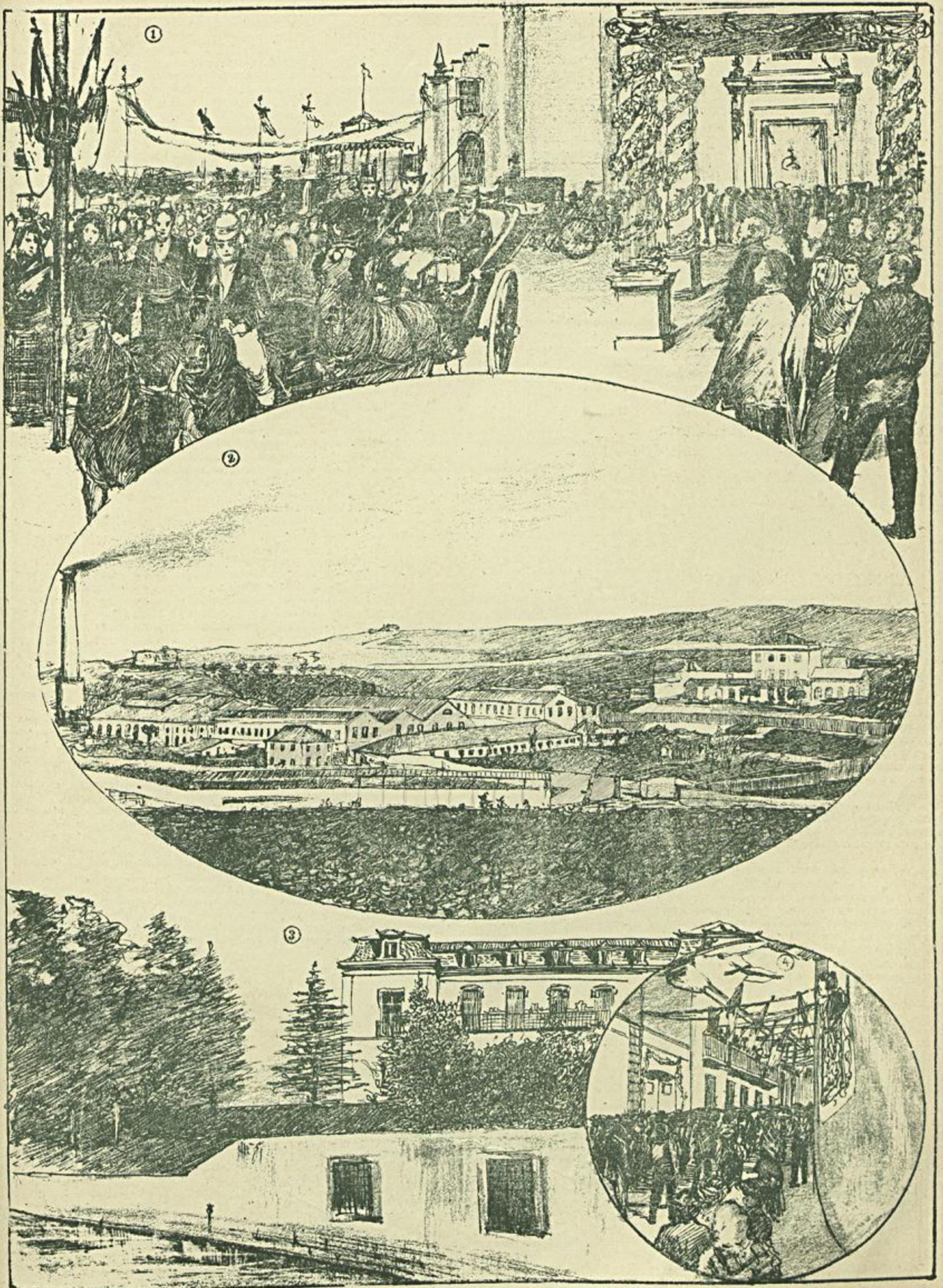
Assim por este andar, não se passando uma semana sem que appareça uma economia, e sempre de dezenas de contos, d'aqui a poucos mezes o sr. Deficit deve ter fallecido, e entraremos não na edade de ouro que tarde voltará, mas na edade das notas, que serão mensalmente distribuidas pelos abençoados povos, na repartição das sobras.

Que economias sobre economias só realmente o estado as precisa, digamos francamente, porque os particulares vão gastando á larga, sem se pouparem a despezas. Os theatros e os circos enchem-se de espectadores, a classe operaria espalha-se aos domingos e dias santos pelos arredores de Lisboa, accusando a nota dos caminhos de ferro movimento importante n'esses dias, a aristocracia e a burguezia, que com ella corre parelhas, divertem-se ainda pelas praias, onde se joga doidamente, onde se ganham e perdem contos de réis, dando-se ares de batotas de primeira ordem. Tudo gasta, tudo desperdiça, e só o pobresinho do Estado la vae cortando aqui e acolá, n'uma vidinha restricta, muito apertada, sem pratos de meio, sopinha, arroz, cosido e a respeito de sobremesa a toalha, como diria o nosso amigo Mendonça e Costa, que, tambem não sei a razão, já passou de moda, sem ter feito mal a pessoa alguma.

Agora entra a epocha de inverno, que começou com a abertura do theatro de S. Carlos, e citam-se

(¹) *Os Albergues Nocturnos de Lisboa.*

1 Vista exterior do estado actual do edificio — 2 Galeria exterior do segundo pavimento
3 Refeitorio das mulheres — 4 A Enfermaria — 5 Dormitorios — 6 Refeitorio dos homens — 7 A velhinha das bonecas — 8 A cozinha.

AZYLO DAS IRMANSINHAS DOS POBRES

(Desenhos do natural por L. Freire)

1 Sahida de Suas Magestades da Egreja depois do *Te-Deum*
2 Vista geral da fabrica de lanificios do sr. José Diogo da Silva — 3 Palacio do sr. Marquez de Pombal — 4 A Rua Direita.

VISITA DE SUAS MAGESTADES A OEIRAS

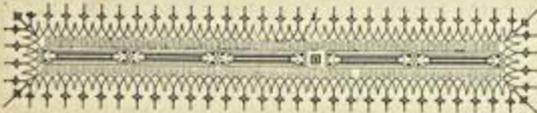
(Segundo apontamentos do natural)

em segredo já festas deslumbrantes n'esta estação, em casa da duqueza de * * *, da condessa de * * * e de outras senhoras cujos nomes se gravam nos *comptes rendus* dos bailes e *soirées*, e que dão o tom alegre e gracioso ás primeiras ordens e frisas do nosso theatro lyrico. Despovoam-se as praias, e no fim d'esta semana terão voltado a Lisboa esses bandos festivos de pombinhas brancas, cujo regresso outr'ora sempre solemnisava no *Correio da Manhã* com a sua prosa tambem festiva o meu bom collega sr. Moura Cabral, que a estas horas já deve estar de volta do estrangeiro.

Os theatros estão cheios de originaes, as modistas cheias de *toilettes* elegantes, os salões desempoeiram-se, a Avenida volta a receber das 4 ás 5 a sociedade elegante de Lisboa, o parlamento abre em breve as suas portas aos oradores discretos e aos oradores fogosos, e ao longe... apparece já a Arvore do Natal toda enfeitada de caprichosos brinquedos, e grupos de creancinhas sorrindo-se e saltando.

E' o inverno que chega, cheio de attractivos para uns e de tristeza para outros, para uns com tantos deslumbramentos de luz, para outros com tantos horrores de trevas, para uns com tantos confortos, para outros com tanta miseria! E defronte das fachadas de predios, por cujas janellas se escôa o bulicio das *soirées* e dos bailes, por onde saem os ultimos murmurios d'uma valsa, e as loiras gargalhadas das virgens ricas, creancinhas descalças, quasi nuas, abrigam-se encostadas a uma porta, junto da mãe quasi desfallecida, emquanto a chuva, caindo a jorros, lhes canta sobre o lagedo da calçada a funebre canção da fome e do frio...

O' inverno como és bello, e como és horrivel!

Eduardo Schwabach Lucci.

AS NOSSAS GRAVURAS

O AZYLO DAS IRMANSINHAS DOS POBRES

em Campolide

Foi por 1884 que vieram para Portugal as Irmansinhas dos Pobres, uma instituição santa que teve sua origem em França e que, em poucos annos, se tem propagado pelo mundo inteiro.

Está n'isto feito o seu elogio.

Mais parecendo uma obra divina do que humana, é verdadeiramente extraordinaria a historia d'esta instituição, se a formos conhecer na sua origem e a acompanhar-mos no seu desenvolvimento por sobre o orbe terreste.

Nasceu esta instituição animada da mais pura caridade christã, na mais ampla expressão d'esta palavra, em que não falta a humildade, a abnegação, o mais affectuoso amor do proximo, que valle o amor de Deus, segunco as palavras do Evangelho.

Sem recursos materiaes, mas com a alma e o coração cheio do grande amor da humanidade, uma joven senhora accudiu ao apelo de um bom parocho que pensou em soccorrer os pobres enfermos da sua parochia de Saint Servan, uma pequena terra maritima da Bretanha onde abundavam as velhas viuvas dos pobres pescadores, na mais extrema miseria e doentes.

Em breve se juntaram mais jovens a auxiliarem a primeira no soccorro ás pobres velhas enfermas, e esmolando para estas por toda a pequena terra e seus contornos, iam recolhendo com que accudir a tanta desgraça.

Com uma protecção milagrosa, em que mais parecia dominar o dedo de Deus que a debil vontade dos homens, foi tomando maiores proporções aquella caridosa obra de umas mulheres, devotadas de alma e coração a soccorrerem a velhice desamparada, e não tardou muito que se achassem albergadas em uma casa quarenta pobres, para quem umas seis Irmansinhas dos Pobres lidavam noite e dia tratando-os das suas enfermidades e angariando os meios de os sustentar.

Mas o mais extraordinario de tudo isto é, que não chegando já a casa para recolher novos pobres, procurou-se alargar o improvisado hospicio e tudo conseguiram as Irmansinhas dos Pobres com o inexcedivel empenho que tinham na sua obra, chegando ellas proprias a cavar os alicerces e principiarem a construcção do novo azylo, n'um terreno que obteram.

Santa dedicação que dava forças a umas fracas mulheres para tão violentos trabalhos, mas tão reconhecidos foram os seus extraordinarios exforços que os operarios da terra as foram auxiliar na sua obra trabalhando cada um, por esmola, os dias que podiam, pois que as Irmansinhas não tinham com que lhe pagar.

E de esmolas de toda a especie se fez o edificio, e de esmolas ficou sempre vivendo esta instituição, condicção fundamental, que não lhes permite o ter rendimentos de especie alguma.

Eis o Evangelho em acção, posto em pratica por umas fracas mulheres, a quem o amor da caridade deu toda a coragem, abenegação e presistencia para levarem a cabo tão meritoria obra.

Feito o primeiro edificio não tardou que outros se lhes seguissem, porque o numero de Irmansinhas ia augmentando e espalhando-se pela França, levando o seu beneficio influxo ás mais necessitadas cidades e villas, onde as Irmansinhas iam chegando e instalando os seus azylos de caridade.

Da França passaram aos outros paizes, porque a caridade não tem patria, é de todo o mundo, e hoje contam-se já 273 Azylos das Irmãsinhas dos Pobres espalhados por toda a parte, e de que este de que nos vamos occupar, fundado em Lisboa é o 234.

Aqui está muito resumidamente a historia d'esta instituição de caridade, em que omittimos promenores aliaz muito interessantes e honrosos para as pobres e humildes Irmansinhas, obrigados pelo espaço de que podemos dispor para esta breve noticia.

*
* *

Impressionou nos vivamente o que nos contara um amigo nosso que visitou o Azylo das Irmansinhas dos Pobres, e desde logo formamos tenção de tambem o visitar-mos para de viso proprio conhecer-mos aquella casa de caridade.

Convidamos para nos acompanhar n'aquella visita o nosso amigo e collaborador do Occidente, o sr. Luciano Freire, e dirigimo-nos a Campolide.

Era um domingo e pelo meio dia quando chegamos ao azylo. Não era aquella precisamente a hora das visitas, mas a Boa Mãe, (assim chamam á irmã superiora) sabendo do fim especial da nossa visita, não teve duvida em nos franquear o azylo, e da melhor vontade nos encaminhar ás differentes dependencias do edificio.

Principiamos pela cozinha, que logo nos impressionou agradavelmente, pela largueza, acceio e ordem em que se achava, e pelo bom cheiro da comida, que vimos em grandes taboleiros, pois era a hora de servir o jantar aos azyladôs.

Esta cozinha é no pavimento terreo, onde é tambem o refeitorio das mulheres, e para onde seguimos.

No refeitorio estavam ás mezas umas sessenta azyladas servidas por quatro irmãs. Já tinham comido a sopa e estava servindo se carne guisada com feijão carrapato. A refeição era abundante e as Irmansinhas perguntavam repetidas vezes ás azyladas se queriam mais, porque é bom notar que ali não ha rações, cada azylado come o que tem vontade.

Em frente de cada azylado via-se um prato sobre um guardanapo e ao lado um copo de dois decilitros com vinho; outra cousa para notar, sobre tudo, porque esta ração de vinho é dada duas vezes ao dia aos azylados, ao jantar e á ceia, notando-se mais que os azylados que não querem vinho á ceia, é-lhes servido chá se assim o desejam.

A maior parte das velhas azyladas comiam com bom apetite e todas se mostravam satisfeitas, dizendo adeus e chamando Boa Mãe á irmansinha superiora quando esta se retirou comnosco do refeitorio. Ia então servir-se a sobremesa que constava de marmelos cosidos.

Subimos ao primeiro pavimento e entramos no refeitorio dos homens, onde estavam uns trinta e quatro, que tantos são os azylados masculinos, e todos comiam satisfeitos com o mesmo serviço, que as mulheres, vendo nós que, alem da carne com feijão carrapato, havia a mais, carne estufada com senouras.

Ao lado do refeitorio dos homens é a capella provisoria, disposta n'uma grande sala onde se vê ao fundo um altar com a imagem da Virgem, e sacrario com o Sacramento. Bancadas dispostas em toda a sala servem para os azylados que ali vão orar durante algumas horas, quando acabam as refeições. Sem luxo, antes pobre, mas em muito aceio e ordem esta capella.

D'ali passamos á enfermaria onde estão as entrevadas, as que não se levantam já da cama, que são umas cinco, e as que se levantam sendo preciso vestil-as e conduzil-as em cadeiras para uma casa proxima.

E' vasta a enfermaria, bem arejada e fortemente illuminada por grandes janellas.

Ali tambem as entrevadas estavam jantando e sendo servidas pelas Irmãsinhas.

As que estavam mais doentes tinham dieta de gallinha. Uma na cama, deitada entre almofadas bem lavadas, não comia, e uma Irmansinha sacudia de sobre ella as moscas com um espanador de tiras de papel. Devia estar ali por pouco a pobre velhinha.

N'um aposento separado estava outra entrevada que é doida e tem assecços de gritaria desordenada. Uma Irmanzinha vella a seu lado constantemente.

No refeitorio da enfermaria comiam umas vinte e tantas azyladas, e entre ellas uma acompanhada de duas bonecas no regaço, suas companheiras ensseparaveis.

E' uma demente que tem aquella mania, mania que as Irmansinhas respeitam e com que muito se riem com ella, brincando tambem com as bonecas, como observamos, com grande satisfação da pobre demente.

A enfermaria tem trinta camas de ferro bem fornecidas de colchões e almofadas, tudo de branco, reconhecendo-se que as colchas devem ter sido dadas por differentes bemfeitores, porque são de diversas qualidades, havendo alguns leitos com lençoes fazendo de cobertura.

Aos lados d'estas camas ha uns pequenos tapetes de varias procedencias, assim como umas cadeiras.

São tudo esmolas que as Irmansinhas aproveitam com raro engenho.

Os dormitorios, que são no segundo pavimento, apresentam um aspecto desusado n'este genero de estabelecimentos. Tem 123 camas e cada uma apresenta cobertas de variados padrões e cores. São retalhos e roupas velhas que as Irmansinhas recebem de esmola e que engenham com muita arte para aquelle fim.

São espaçosos estes durmitorios, bem arejados e claros. Tem, como a enfermaria, candieiros de gaz. O aceio é inexcedivel.

E n'este pavimento que ha uma extensa galeria, onde os azylados, sentados ou passeiando, gosam de bom ar, os que não podem ou não querem descer a cerca a dar o seu passeio depois da comida.

Tendo nós assistido ao jantar dos azylados, soubemos que a ceia é quasi um segundo jantar, pois tem sopa, ou assorda, e ervajes com a competente ração de vinho.

O almoço consta de café com leite e pão com manteiga, refeição não usada, que nos conste, em nenhum outro asylo.

Podémos observar, emfim, que uma das ideias que preside aquella santa instituição, é tornar o menos penoso possivel aos asylados a sua posição, o que é uma das aspirações mais sublimes da Caridade

Assim surprehendeu-nos o ver-mos que cada asylado vestia como podia, sem uniforme da casa, o que necessariamente será apreciado por muitos d'elles a quem a libré impressionaria penosamente.

Vê-se n'isto ainda uma boa media de economia, porque vivendo o asylo de esmolas, melhor aproveitam as Irmansinhas os fatos que lhes dão por uma e outra parte.

Ainda ha mais no sentido de suavisar a sorte dos pobres asylados. As Irmansinhas, apesar de francezas, não fazem exclusivo dos costumes do seu paiz, e seguem os usos dos povos em que vivem. D'este modo as comidas são temperadas conforme o uso do paiz, e conservam nos asylos os costumes da terra, no que toca aos dias que se festejam. Sendo uso no nosso paiz comer castanhas no dia de S. Martinho, broas pelo Natal, amendoas pela Semana Santa, etc., tambem os asylados tem o seu S. Martinho, o seu Natal, as suas Endoenças etc.

Só trabalham aquelles que podem trabalhar, sem imposição de tarefas, fazendo unicamente o que podem e que os entreteem, de resto as quinze Irmansinhas que ha n'este asylo é que fazem todos os trabalhos de cosinha, de limpeza e mais arranjos, no que lhe não falta que trabalhar sabendo se que o asylo já alberga 134 asylados, e que o numero vae crescendo na proporção dos recursos que o asylo vae tendo.

Uma das Irmansinhas é encarregada de lavar a roupa, para o que ha uma lavandaria com dois tanques de lavagem e um barreiro, disposta na cerca.

Ali vimos grandes trochas de roupa para lavar, e a Irmansinha occupada n'esse mister, acompanhada por uma pequena imagem de Santo Antonio exposta em uma pequena prateleira e ladeada por duas jarrinhas com flores.

E' quem ajuda a Irmansinha na sua trabalhosa tarefa, diz ella com a mais graciosa piedade.

E no meio de todos aquelles trabalhos, no meio de tantos asylados, outros tantos descrentes do mundo, onde devem ter perdido todas as illusões que lhes animaram a vida, observa se uma relativa satisfação, que bem diz o quanto se dão por felizes por terem encontrado aquelle santo abrigo e as Irmansinhas que lh'o proporcionaram.

Pois a ellas é bem afadigosa a vida na lide em que andam, mendigando por uma parte e outra o pão para os seus velhinhos, tratando d'elles e da casa onde os abrigam e encontrando ainda no meio d'estas migalhas com que levantaram desde os alicerces vastos edificios como o que visitamos.

Vindas as Irmansinhas dos Pobres para Portugal, em 1884, como dissemos, albergaram-se no hospicio de S. Patricio, que então era do hoje fallecido padre Beirão.

Ali principiaram a sua obra de caridade em o nosso paiz, e com a perseverança e confiança na Providencia que as anima, poucos tempos depois, davam principio ao novo edificio em Campolide.

Foram fazendo a obra com esmolas, e apesar d'esta ainda não estar concluida, logo aproveitaram o que estava feito para ali se instalarem.

Falta ainda concluir quasi tres partes do edificio e a egreja, mas faltaram os meios para ir mais adiante, e ellas sempre confiadas na Providencia que as tem acompanhado, não desanimam em completar a sua obra. e tem razão.

Quando se trabalha com tanto zelo e desprendimento n'uma cruzada tão santa como a das Irmansinhas dos Pobres, a Providencia não desampara tão dedicados obreiros do Bem.

Que as almas bemfazejas que nos lerem se lembrem do Asylo das Irmansinhas dos Pobres, é o nosso principal intento ao dar-mos publicidade a tão meritoria obra, embora esta publicidade se não compadeça com a humildade e modestia que rege as suas instituidoras.

VISITA DE SUAS MAGESTADES A OEIRAS

No dia 26 do mez que acabou, visitaram a Villa de Oeiras Suas Magestades El-Rei D. Carlos e Rainha D. Amelia.

O fim principal d'esta diversão foi o Suas Magestades visitarem a grande fabrica de lanificios do sr. José Diogo da Silva, para examinarem os productos d'aquella fabrica, das mais importantes do nosso paiz.

E' com a maior satisfação que assistimos a este despertar de attenções para a industria portugueza, tanto mais quando vêmos o chefe do Estado interessar-se pelo trabalho nacional, o mais poderoso recurso de uma nação que quer viver independente e honrada.

A villa de Oeiras fez uma recepção festiva aos seus reaes visitantes e para este fim reuniram-se alguns cavalheiros importantes do concelho para coadjuvarem a digna Camara Municipal e concorrerem com as despezas da festa, sendo os principaes os srs. marquez de Pombal, condes de Valenças e das Alcaçovas, Polycarpo Anjos, Carlos Luz etc.

Todas as ruas foram enfeitadas com bandeiras, flores e verdura, de algumas janellas viam-se pendidas ricas colchas de seda.

No largo da villa e em frente da egreja, sobresahia um portico que foi delineado com muito gosto pelo sr. Luiz Baptista e construido pelo sr. Eduardo de Macedo que faziam parte da sob commissão encarregada das decorações, composta dos srs. dr. Francisco Pinto Coelho, Cecillo Costa, Cordeiro Castanheira e Joaquim Marques da Silva.

Pelas 2 horas da tarde chegaram Suas Magestades ao lemite do concelho de Oeiras, vindo de Cascaes. Ali eram esperados os reaes visitantes pelo srs administrador do concelho, presidente da Camara e vereadores, empregados, governador da torre de S. Julião e officialidade, commandante do forte de Caxias, e pela commissão organisadora da festa. Suas Magestades vinham em carroagem descoberta, precedida das dos seus camaristas, juntando-se-lhes então mais de trinta carroagens e muitos cavalleiros.

Assim deu entrada na Villa o grande cortejo, o qual se dirigio para a egreja parochial, onde Suas Magestades eram esperadas pelo sr. bispo de Meliapor com os parochos de todas as freguezias do concelho, sr. ministro das Obras Publicas e funccionarios do Estado.

A egreja, construida depois de terremoto de 1755 que arrazou a primitiva, é um bom edificio, construcção pombalina.

Logo que Suas Magestades chegaram foi cantado a grande instrumental um solemne *Te Deum*, e concluido que foi este acto relegioso, dirigiram-se os monarchas para o palacio do sr. marquez de Pombal, onde receberam os comprimentos das principaes pessoas da villa.

Nas ruas e no largo tocavam musicas festivas a charanga da Armada e a philarmonica Antolim, e o povo agglomerava-se para ver os reaes visitantes fazendo-lhe as mais vivas demonstrações de sympathia e de enthosiasmo.

A recepção no palacio do sr. marquez de Pombal durou pouco tempo e d'ali dirigiram-se Suas Magestades e toda a comitiva a visitar a fabrica do sr. José Diogo da Silva.

A sua Magestade a Rainha foi offerecido um formoso ramo de flores artificiaes por uma gentil criança, filha do sr. Bernardino Sertorio Sanches, em nome da commissão dos festejos, offerta que sua Magestade agradeceu muito amavelmente beijando a offerente. O sr. presidente da camara dirigio a El-Rei uma alocução a que o monarcha respondeu em phrases extremamente amaveis.

Sendo o principal fim d'esta festa a visita de Suas Magestades á fabrica de lanificios, foi esta o que mais prendeu a attenção dos reaes visitantes que ali se demoraram pelo espaço de mais de uma hora, vendo trabalhar as differentes officinas e examinando os seus productos, que muito louvaram, dizendo para que lhes fossem enviadas amostras de grande parte d'elles.

Esta fabrica foi fundada pelo sr. José Diogo da Silva, em 1864 e está ideficada no sitio denominado S Pedro do Areeiro. Começando a funccionar com uns cincoenta operarios chegou a elevar este numero a quinhentos, numero que tem diminuido nos ultimos tempos por ter escaceado o trabalho.

Os principaes productos d'esta fabrica são casimiras, schales, cintas, cheviotes barretes e flanellas, elevando-se a sua producção ultimamente a mais de cem contos réis annuaes.

Apenas tem dois mestres francezes sendo todo o mais pessoal portuguez.

Esperamos occuparmo-nos brevemente d'esta fabrica, assim como de muitas outras que ha pelo paiz, e então faremos mais minuciosamente a sua historia, como assumpto que mais está interessando a vida economica de Portugal.

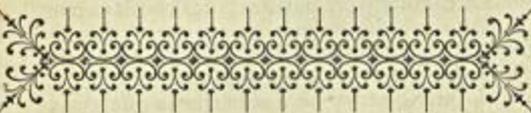
Suas Magestades retiraram-se da fabrica muito satisfeitas pelo que ali viram, sendo-lhes offerecido pelo sr. José Diogo da Silva Junior, filho do proprietario e gerente da fabrica, uma magnifica manta de viagem a El-Rei, e um lindo schale de lã e seda á Rainha.

Suas Magestades recolheram ao palacio do sr. marquez de Pombal onde passaram a visitar as suas magnificas salas em que se admiram preciosas obras d'arte.

Pelas sete horas e meia principiou o jantar que terminou as nove horas, depois do que, Suas Magestades percorreram a pé as principaes ruas da villa acompanhadas pela sua comitiva e commissão dos feitejos, sendo muito victoriadas pela multidão.

As casas tinham as janellas illuminadas e as damas que as adornavam espargiam flores sobre os reaes visitantes.

Em diversos pontos tocavam as musicas a que já nos referimos, e muitos dos habitantes da villa faziam extensas alas empunhando archotes, formando depois uma marcha *aux flambeaux* que acompanhou Suas Magestades até ao comboio real que pertiu de Oeiras cerca da meia noite.

Foi um dia de festa para a industrial Villa de Oeiras, terra de Portugal onde se effectuon a primeira exposição de industria que se fez no paiz e talvez em toda a Europa, no tempo do grande estadista Marquez de Pombal que ali teve o seu solar.

NOVIDADES DA SCIENCIA

NOVA COMBINAÇÃO DO AZOTE COM O HYDROGENIO —O professor Curcius, de Kiel, entreteve pela primeira vez o congresso dos naturalistas allemães em Bremen, no mez de setembro ultimo, com esta maravilhosa substancia.

Este novo corpo deriva da acção do *hydrazina*, descoberta anteriormente pelo mesmo chimico, sobre o acido hippurico. Tem por formula $Az.^3H$. isto é, contem tres atomos de azote por um atomo de hydrogenio, entretanto que o ammoniaco contem tres atomos d'hydrogenio por um atomo d'azote.

Mas não é sómente no ponto de vista da composição que este novo corpo se apresenta como o contrario do amoniaco. Entertanto que este é fortemente alcalino, o novo composto é um acido muito analogo ao acido chlorhydrico. Gazoso no estado anhydro e muito soluvel na agua, elle precipita os saes de prata como o acido chlorhydrico, mas a combinação da prata assim formada, insencivel á acção da luz constitue, em contraposição, um expressivo muito poderoso. Já na solução aquosa o acido livre faz explosão com grande violencia.

Apesar d'estas perigosas propriedades, o auctor pôde fazer a analyse que lhe permittiu estabelecer com certeza a precedente formula.

Esta descoberta abre caminhos inteiramente novos aos estudos chimicos.

FABRICAÇÃO ELECTROLYTICA DO PHOSPHORO. — M. M. Parker e Robinson, acabam de formar uma companhia para o fabrico do phosphoro pela electricidade. A sua officina em Wednesfield, foi organisada em vista d'esta nova industria que empregará uma poderosa machina da força motriz de 700 cavallos.

O processo é o seguinte: mistura-se o carvão pulverisado, (mas reduzido a pó muito tenue) com o acido phosphorico ou com phosphatos e submette-se a massa á acção de uma corrente de grande intensidade.

O composto phosphorico fica reduzido e o phosphoro se desenvolve em vapores que destilam e se recolhem em um recipiente resfriado.

A HYALINA. — A *Revue de chimie industrialle* dá conhecimento da existencia de uma nova substancia propria a substituir o celuloide. E' a hyalina que foi descoberta por M. E. Eckstein, chimico austriaco.

A celuloide sendo composta de algodão-polvora e de camphora é, como se sabe, extremamente inflamavel. M. Eckstein compõe a sua hyalina com algodão-polvora, a colophana, lacre, copal, e resina de hambar, terébentino ou de uma mistura d'estas differentes substancias. Assegura-se que elle pode dinitrar seu producto e tornal-o incumbostivel.

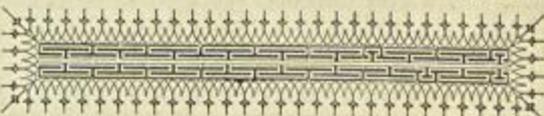
A hyaline é muito resistente, semi-transparente, sem cheiro, muito elastica e muito menos perigosa que a celuloide.

INSCRIPÇÕES SOBRE VIDRO. — Segundo M. A. Daum, uma nova formula, traduzida do *Sprechsaal*, para obter sobre o vidro as inscripções sem lustro.

Fazei dissolver em 500 grammas de agua, cerca de 36 grammas de fluoreto de sodio, e 7 grammas de sulfato de potassa. D'outra parte fazei dissolver em 500 grammas de agua, 14 de chloreto de zinco e juntae á solução 65 grammas de acido chlorydrico.

Quando quizerdes fazer uso d'estas duas soluções misturae-as em partes iguaes e applicae a mistura sobre o vidro, ou por meio d'uma penna ou com um pincel.

Depois de meia hora a inscripção traçada ficará patente.

S. P.

REVISTA POLITICA

São as eleições municipaes de Lisboa o que está dando mais que fazer aos varios politicos azues e encarnados. Sim andam todos muito atrapalhados, não dizendo coisa com coisa, em procura de candidatos para a vereação, e de votos para esses candidatos, em cuja escolha ainda não acertaram.

Isto tem provocado reparos dos eleitores, e a alguns temos ouvido perguntar muito desconfiadamente:

— Mas quem são os vereadores para que se pedem votos?!

Ora não tardará que todo o orbe saiba quem são os escolhidos, pelo menos por parte do governo, que, quanto a republicanos ainda a coisa está mais embrulhada, em fundo mysterio, parecendo haver grande difficuldade de arranjar vinte e cinco cidadãos aptos para o serviço.

Não admira, nas recrutas acontece a mesma cousa apesar de não ser preciso saber ler e escrever, nem saber qual é a sua mão direita, porque os instructores lá lhe ensinam, pelo menos, a conhecerem a direita e a esquerda.

Entretanto crêmos que não se exige a cada vereador sequer o exame de instrucção primaria, o que não deixa de ser uma regalia, que dá a qualquer analphabeto o direito de dirigir os negocios municipaes.

A um eleitor ouvimos nós dizer, muito seguro no seu espirito pratico.

— Nada de grandes illustrações e talentos. Por causa dos homens illustrados e grandes talentos, é que nós chegámos a este estado.

E afinal o eleitor não deixa de ter o seu bocadinho de razão.

E acrescentava:

— O que nós precisamos é de bons administradores.

E' verdade. A difficuldade é arranjal-os sem ser na olaria, porque a respeito de bons administradores é o que se vê, na publica administração e na administração particular.

Anda tudo adiantado e empenhadinho graças a Deus, e todos á espera das cebollas do Egypto para se desempenharem e pôrem a sua vida a direito.

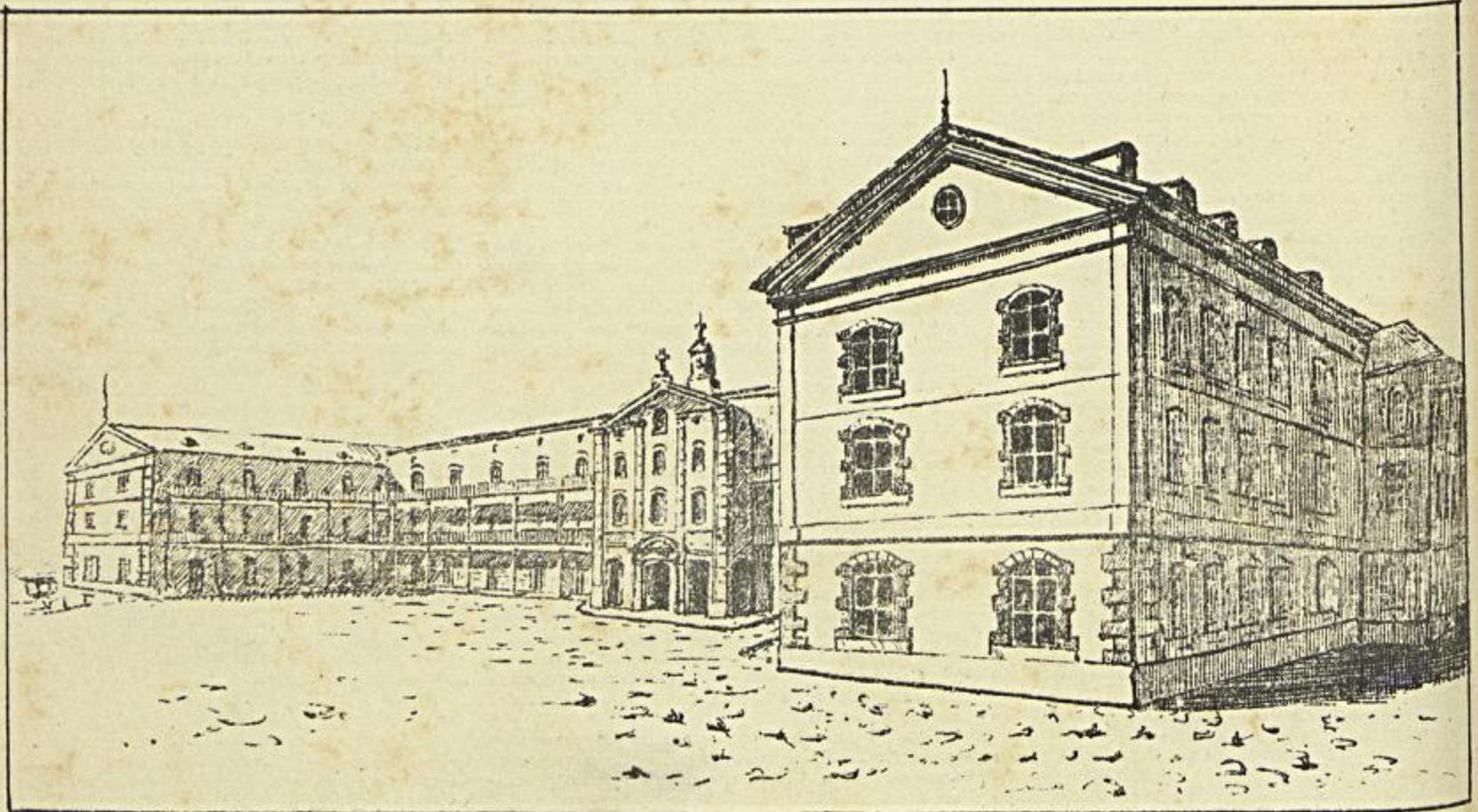
N'estes termos não sabemos explicar o scisma que se metteu entre os partidos monarchicos, senão pelas manhas velhas que se não perdem, da politica mesquinha, estreita, que nos tem levado ao bonito estado em que nos achamos.

A abstenção dos monarchicos scismaticos ou a sua cooperação com os republicanos, que vale o mesmo, é uma incoherencia que só prova a falta de convicções que affirmam cada vez mais o quanto vae enferma esta nacionalidade.

Alem das eleições municipaes só temos na politica a reforma dos serviços agricolas e florestaes,

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradeçemos:

Viagens — I — Belgica por Zephyrino Brandão, Lisboa Imprensa Nacional, MDCCCXCI. Um volume de 318 paginas in-8.º Primoroso trabalho typographico, algumas gravuras abrindo os capitulos. Não tivemos ainda o tempo necessario para o lêr todo,

VISTA PRESPECTICA DO PROJECTO DO ASYLO DAS IRMANSINHAS DOS POBRES

Em vista d'isto nós propomos que em vez de outras quaesquer habilitações, se exija aos candidatos á vereação, quitações em forma dos seus credores, e pareceres dos conselhos de familia em como são bons administradores de seus bens.

Sem estas condições não devem merecer o sufragio dos eleitores.

Ora não sabemos se é bem por isto, ou por causa da reforma municipal, que ainda não se poderam encontrar definitivamente vereadores.

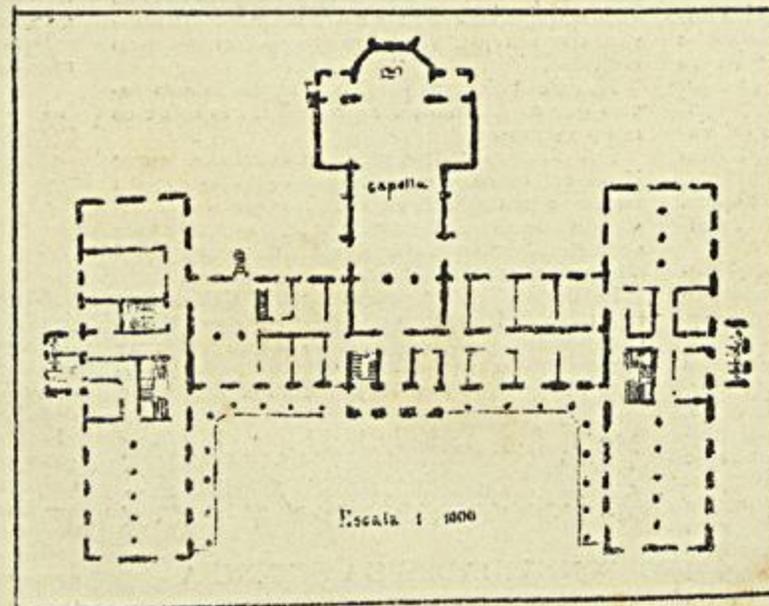
A reforma é que tem dado pretesto para que alguns orgãos politicos, como o *Jornal do Commercio* e *Correio da Noite*, pretendam levantar scismas entre os partidos monarchicos aconselhando a abstenção da urna.

Mas essa abstenção ia dar força ao partido republicano, que apezar de achar a reforma do municipio a peior de todas as reformas, trabalha calorosamente para triumphar na urna.

Podéra.

Os monarchicos é que estão sendo muito nephelibatas, como agora se diz.

O que terá a eleição municipal com a reforma do municipio, desde que hajam cidadãos que não se importem administrar o mesmo municipio segundo a lei d'essa reforma?

Se a lei tem defeitos, demasiadas restricções pouco em harmonia com a independencia e importancia da capital do reino, crêmos que no parlamento é que terão que se apreciar e emendar esses defeitos e restricções, e que as manifestações da urna n'este sentido em nada modificam a lei, e até se a urna se sahisse com uma vereação republicana, mais razões daria ás restricções da nova lei, visto que as influencias republicanas da ultima camara é que levaram o municipio quasi á bancarrota, de que o salvou o governo com os avultados supprimentos que lhe fez.

PLANTA DO EDIFICIO

que sahiu um d'estes dias no *Diario do Governo* e que realisa uma economia de uns cincoenta contos.

Se todas as economias já decretadas e as que se annunciam, são praticamente realisaveis, não deve faltar muito para que se restabeleça o equilibrio nas finanças do thesouro, coisa que elle não conhece ha boas dezenas d'annos.

Uma ultima novidade.

Não houveram concorrentes ao monopolio dos phosphoros.

A *Salvia Brava* espantou os especuladores, tanto mais tratando-se de negocios *phosphoricos*.

João Verdades.

porque o recebemos ha poucos dias, das mãos do seu auctor, que muito amavelmente nol-o offereceu; mas as paginas que lêmos predespõe-nos da melhor vontade para a leitura das restantes.

Para quem sabe das antigas relações que existem entre Portugal e a Belgica e mais valiosas ainda as antigas que as modernas; para quem quizer conhecer bem as afeninades que ha entre estes dois paizes quer na extenção dos seus territorios, quer na constituição dos seus estados, o livro do sr. Zephyrino Brandão offerece, como todos os seus trabalhos litterarios, um estudo consciencioso, sobre aquelle paiz, estudo feito sob a melhor forma litteraria, que se lê desenfadadamente, e em que ha muito a aproveitar e muito que convem saber.

Honram-se as lettras portuguezas com livros d'esta natureza, e emquanto mais de espaço o OCCIDENTE se não occupa d'esta obra, apressamo-nos a dar noticia do seu apparecimento, certos de que os leitores nos agradecerão a novidade.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1892

Está publicado este almanach.

Recebem-se encommendas na *Empreza do Occidente.*

A capa em chromo representa a Avenida da Liberdade, uma primorosa aguarella de L. Freire.

Preço 200 réis, pelo correio 220.

LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43